

«UM DIA FELIZ»

9 — NA ZONA DE TURISMO DE ESPOSENDE

Às vezes ponho-me a cismar assim: — gostava que a vida dos homens — mas dos homens sem excepção — fosse como a vida das fontes, não das fontes que brotam das fragas que é preciso rachar a fogo, mas as que brotam do chão, mal se cava um pouco e logo aparece água e depois o verde da erva que não foi semeada...

Bastaria só amor e fé para sermos felizes.

Mas seria isso ideal? — pergunto a seguir, eu que gosto do turbilhão da vida, que aprecio o que custa, que chego a gostar do que dói.

Tudo cristalino, tudo puro, tudo diáfano — era tirarmos Cristo da nossa cabeceira, era anquilosar os passos, era roubar à vida a beleza dos contrastes.

Assim, o luxo só é luxo porque nem todos lhe chegam... Como os grandes hotéis. Ai reside a «graça» que eles têm para nós, sobretudo para os que lá não entram. Se estivessem à mão-de-semeiar, ou como quem pincha uma parede de escancha-perna, para lá ir, adeus interesse, adeus turismo.

Ora, falando-se de hotéis assim, eu estou como o outro que disse: — não sei muito de mulheres, mas sei muito menos de ponte-pensil.

Também não sei muito de hotéis de luxo — a minha modéstia aqui não sofre alfinetada — mas sempre sei mais do que de carabinas reiunas e de combóios eléctricos, de que não sei mesmo nada tirando-se-lhe que aquelas são capazes de matar lebres maçaricas aninhadas nas urgueiras e que estes andam em carris em rodas de aço e às vezes cumprem o horário.

Numa coisa hotéis e mulheres se parecem: — ambos nos ensinam alguma coisa — e aqui está a razão de virem juntos para esta «crónica». Com ambos o homem começa quase sempre por ser acanhado... Eu, pelo menos, (embora pareça o contrário e estou a ver alguém a morder-me nas costas) nunca fui dos que brincaram com moças em tempos idos, e muito menos agora. Mas não sou dos que consideram (ou consideravam) a mulher como uma aterradora ou diabólica criatura de outro planeta.

Logo, acanho-me à entrada de um Hotel de luxo, como se fosse um seminarista à boca duma loja de modas.

Mas naquele dia não foi assim. O Ofir abriu-se-nos de par-em-par, quando o «neon» afogueava o «haal» e tecia uma doce melancolia que se estampava nas coisas e nas pessoas. Vamos para o fim daquele «Dia feliz na zona de Turismo de Esposende», já lá vai um mês. Depois de andarmos no rio, como se fosse uma estrada solavancante do tempo da mala-posta, aguardava-nos ali o repouso mais cativante. O magnífico hotel, que só conhecíamos por fóra, esperava-nos como se fosse um «Vera Cruz» ancorado em mar de palha. Dentro, o «broáá» dum estúdio. Era como se se exibisse ali um filme a que tivessem posto o nome: — «É proibido beijar». É que era a primeira transmissão directa, cá no Norte, da Televisão Portuguesa.

Então, havia «sex-appeal» a rodos que despejava um aroma especial naquela luz coada.

E foi o repasto. Requite, qualidade, primor na culinária a que — confessamos humildemente — não estamos habituados. Diga-se aqui que já atingimos o ponto mais alto na boa arte da gastronomia — hoje indispensável ao «tour» dos turistas

como a côr é indispensável a um belo quadro. — A propósito, aquele painel, com os cavalos fangueiros num tropel de magia, é maravilhoso e lembra-nos bem um Abel Salazar.

Também a maestria do sr. Constantino Esteves Araújo está enquadradíssima na arte de manejar por dentro um Hotel de luxo. Aponte-se isto, sem pretensões a reclamo, que os não necessita.

Era o jantar. Possa julgá-lo quem comê-lo não pôde.

E a noite já se tinha delambido há muito, quando se iniciou o programa festivo da recepção. Técnicos, administradores e artistas estavam a postos. No estrado, uma orquestra melodiava o ambiente adornado por uma paisagem humana de «feerie». A artista do «Play Bake» serandava a vender sorrisos sem preço emplumada como as «vede-

tas», enquanto as raparigas do Rancho de Vilachã saracoteavam a fralda da saia até parecer-se com um sino em dia de festa na aldeia...

O resto, talvez não faça parte da «crónica». Quem quiser que o adivinhe.

O mar, ao pé, batia na areia pancadas de amor estroina, como quem gosta de perder a noite... Mas sempre acrescentaremos. — Creio que foi Aquilino que escreveu algures: dentro de 50 anos a Régua será a primeira terra do Norte depois do Porto.

Pois eu serei menos «atrevido» se afirmar aqui que em meia dúzia de anos **Ofir** será a mais bela praia do Norte e onde os estrangeiros, sobretudo, hão-de estar como no paraíso...

Já está a chegar ali «Miss» Mundo — e está a despertar mesmo o sabor dum côco em dia de muito calor.

Tinha decorrido o último segundo daquele «Dia feliz na zona de Turismo de Esposende».

J. C.



Um aspecto do pinhal de Ofir